

ARQUIVO 3

Patrimônio Natural de Tiradentes - MG: Um Patrimônio Ameaçado e Desconhecido

Janine Gisèle Lesann¹, Leonardo Locarno², Luís Eduardo F. Leite³

¹ Doutora em Geografia, professora do Curso de Mestrado em Turismo e Meio Ambiente do Centro Universitário UNA. e-mail: jlesann@hotmail.com

² Mestrando em Turismo e Meio Ambiente pela UNA; Administrador, Consultor e Professor de Administração da UNA. e-mail: leonardol@una.br

³ Mestrando em Turismo e Meio Ambiente pela UNA; Turismólogo e Empresário. e-mail: luisfleite@yahoo.com.br

Resumo

A percepção ambiental de turistas em Tiradentes (MG) é tema deste trabalho. Baseado em dados colhidos em pesquisa realizada por estudantes do Curso de Mestrado em Turismo e Meio Ambiente da UNA, o trabalho revela sugestões dos turistas e propõe ações práticas no sentido de melhorar as condições de realização de atividades ligadas ao turismo, no município. Este artigo discute a definição de "patrimônio natural" e a evolução dos problemas ambientais causados pela atividade turística ao patrimônio natural. Evidencia como esse conceito é culturalmente construído e que impactos econômicos, sociais e ambientais decorrem do turismo na região de Tiradentes, um dos principais pólos turísticos do estado de Minas Gerais. A partir desse quadro de referência, da questão preservacionista, do seu papel na sociedade e do exemplo concreto de Tiradentes, faz-se uma análise da importância do patrimônio natural para os turistas, dos principais impactos nos atrativos naturais, dos possíveis efeitos do aumento do número de visitantes sobre o equilíbrio do ecossistema da Serra de São José e da percepção e conscientização ecológica destes perante os atrativos pesquisados.

Palavras-chave: Patrimônio natural, percepção do turista, impactos ambientais, turismo.

Natural Heritage of Tiradentes (MG): A Threatened and Unknown Heritage

Abstract

This work is focused on the tourists' environmental perception in Tiradentes (MG). Based on data selected in a research developed by students in UNA's Master's Course in Tourism and Environment, this work reveals some of the tourists' suggestions and proposes practical actions in order to improve the activities related to tourism in the city. It discusses the definition of "natural heritage" and the increasing of environmental problems caused to the natural heritage by tourist activities. It highlights how this concept is culturally developed and also that economical, social and environmental impact is due to tourism in Tiradentes, which is one of the main touristic sites in the state of Minas Gerais. Considering these references, the preservation issue, its role in society and the concrete example of Tiradentes, it is possible to analyze the importance of the natural heritage for the tourist; the main impact on natural attractions; the possible effects on the balance of Serra de São José ecosystem caused by the number of visitors; and the visitors' ecological perception and awareness when in contact with the researched attractions.

Keywords: natural heritage, tourist's environmental perception, environmental impact, tourism.

Introdução

Este trabalho é fruto de uma parceria entre a Prefeitura Municipal de Tiradentes e o curso de Mestrado em Turismo e Meio Ambiente do Centro Universitário UNA. Tem por objetivo analisar alguns impactos sócio-econômicos e ambientais decorrentes da atividade turística no município de Tiradentes.

A cidade de Tiradentes foi escolhida por possuir um acervo de atrativos turísticos, do período colonial mineiro, dos mais conservados. Seu centro histórico, composto por numerosas edificações e igrejas coloniais, aninha-se no vale do rio das Mortes, ao sopé da Serra de São José, numa altitude de aproximadamente 900 metros. O município localiza-se numa região que apresenta muitos atrativos naturais ou culturais, tais como as trilhas da Serra de São José, a Cachoeira do Mangue, o Bosque da Mãe D'água, o Balneário Águas Santas, o Poço do Canjica e o Beco da Matriz.

Este pequeno município, localizado no sul do estado de Minas Gerais, dista 335 km da cidade do Rio de Janeiro, 225 km de Belo Horizonte e 485 km da cidade de São Paulo. Atualmente, é ligado à cidade próxima de São João Del Rei (13 km) pela rodovia MG 265. A via férrea Vitória - Minas, que ligava São João Del Rei à Barbacena até a década de 1980, desativada durante alguns anos, voltou a ser explorada com a renovação das atividades turísticas. Assim, as opções para chegar ao centro histórico de Tiradentes, por estradas, são a MG 265 ou um trecho da antiga Estrada Real que passa ao pé da Serra de São José e a estrada de ferro, nos fins de semana, feriados e em períodos de férias. A "Maria Fumaça" sai de São João Del Rei, de manhã, e retorna ao final da tarde. Tanto o trecho da Estrada Real, quanto o trenzinho constituem atrativos turísticos. Todavia, não foram considerados neste trabalho.

Neste trabalho, num primeiro momento, conceitua-se patrimônio natural e apresentam-se os possíveis impactos decorrentes da atividade turística sobre o meio ambiente. Posteriormente, são apresentados os dados coletados a partir de questionários estruturados aplicados a sessenta e sete turistas escolhidos de forma aleatória no período de 01 a 03 de julho de 2005, na cidade de Tiradentes, especificamente no Largo das Forras e no Chafariz. Buscou-se com esse instrumento avaliar a percepção dos turistas a respeito dos atrativos naturais, uma vez que a maioria procura Tiradentes em razão de seu acervo histórico. Foram pesquisados dados que caracterizam os entrevistados tais como: sexo, faixa de idade, procedência, faixa de renda familiar, motivação da viagem, entre outros. Outra parte do questionário levanta a percepção do turista relativa a cada um dos atrativos em foco. A última parte do questionário aborda sua percepção geral com relação à necessidade de proteção do meio ambiente e do acervo turístico de Tiradentes e o nível pessoal de conscientização do entrevistado quanto a esses problemas.

Foram selecionados seis dos principais atrativos naturais de Tiradentes. A percepção dos turistas foi avaliada a respeito dos seguintes elementos:

A Serra de São de José

Segundo Pellegrini Filho (2000), Tiradentes desfruta do privilégio de ter a Serra de São José como cenário para o seu conjunto arquitetônico. Além de proporcionar alternativas para passeios

ecológicos, por possuir nascentes, quedas d'água e uma apreciável flora constituída de orquídeas, de bromélias e de várias espécies de árvores, a Serra ainda permite caminhadas, cavalgadas, escaladas e banhos refrescantes em poços de águas transparentes.

A Serra de São José é a maior formação natural da região em que se situam também outros municípios como Coronel Xavier Chaves, Prados, Santa Cruz de Minas e São João del Rei. Com estrutura de quartzito e paredões rochosos que podem ultrapassar os 100 metros de altura, a Serra é um reduto ecológico que ocupa uma área aproximada de 15 quilômetros quadrados, com uma altitude média de 1.100 metros. Sua maior largura é de 500 metros.

A flora, no pé da Serra, apresenta uma notável biodiversidade, sobretudo nas matas ciliares dos riachos. Nas encostas notam-se formações de cerrado. Os topos da Serra apresentam campos rupestres.

O acesso ao pé da Serra, a partir do núcleo histórico, pode ser realizado por charrete ou a cavalo. O passeio, dependendo do percurso, varia de meio dia a um dia inteiro, optando-se, neste caso, por paradas mais longas que incluem banhos e refeições ligeiras.

Uma das trilhas, até o topo da Serra, atravessa algumas propriedades rurais, incluindo um pesque-pague e, depois de uma subida ladeada por uma vegetação variada, segue num trecho com calçamento de pedras denominado "Calçada". Esse trecho possui uma cruz. É conhecido por episódios históricos, relacionados com a Inconfidência Mineira e proporciona uma vista panorâmica. É possível atravessar a Serra, a pé, por meio de uma trilha. O passeio leva aproximadamente uma hora e quinze minutos. Esse passeio constitui um dos atrativos explorados por agências de turismo e faz parte de roteiros, como o do Guia Quatro Rodas (2003).

A Cachoeira do Manguê

O córrego do Manguê nasce no alto da Serra, desce entre dois maciços rochosos onde forma a Cachoeira do Bom Despacho. A trilha para o Manguê é a mesma que vai para Águas Santas até o alto da Serra. É interessante descer ao longo do curso d'água até a cachoeira, na margem da estrada velha São João - Tiradentes. A cachoeira pode ser alcançada de carro, em dez minutos, em estrada não pavimentada.

O Bosque da Mãe D'água

O Bosque da Mãe D'Água é uma reserva florestal, localizada ao pé da Serra de São José, atrás do chafariz do mesmo nome. Possui muitos exemplares típicos da flora e fauna regionais. É possível percorrer esse bosque por uma trilha ladeada de mata nativa, com extensão de um quilômetro, antigo caminho onde foi implantando um aqueduto que coleta água em uma nascente e a conduz ao Chafariz de São José. Esse aqueduto, construído de pedras e lajes, no nível do solo, abastece a cidade desde o tempo da escravidão.

Esse atrativo urbano, embora não esteja sinalizado e nem possua qualquer infra-estrutura, permite um agradável passeio à sombra das árvores, que pode ser feito em cerca de uma hora.

O Balneário Águas Santas

Situado na Área de Proteção Ambiental (APA) da Serra de São José, o Balneário das Águas Santas é um espaço dedicado ao lazer, dotado de piscinas, duchas, saunas, quadras poli esportivas, playground, vestiários, restaurantes e locais para churrasco e piqueniques.

O balneário possui fontes subterrâneas que jorram águas oligominerais radioativas em temperaturas que oscilam entre 21° e 28°C. "O nome advém da alegada capacidade das águas como elementos curativos", pois auxiliam no "tratamento de nefrites, alergias, artrite, eczema, impotência, distúrbios renais" (PELLEGRINI FILHO, 2000).

Um lago com pedalinhos e uma capela dedicada a Nossa Senhora da Saúde, construída no início do século XX, compõem a paisagem do local, que pode ser acessada, em parte, por automóvel, charrete ou a cavalo.

O Beco da Matriz

O poço da Matriz data do início do século XVIII. Sua água foi utilizada para construir grande parte das igrejas e casarões locais. Localizado no coração do centro histórico, atrás da Matriz, constitui um dos atrativos de maior acessibilidade para o turista, pelo beco entre o Museu Padre Toledo e a Igreja de São João Evangelista. Todo o seu curto percurso (no máximo 200 metros) é pavimentado.

Junto ao poço existem vários bancos de onde se pode observar a mata, ou mesmo imaginar como era seu uso na época em que foi construído, com os escravos e seus animais a transportar a água.

O Poço do Canjica

O Poço do Canjica e a Capela de Santo Antônio do Canjica não estão dentro do núcleo histórico de Tiradentes, mas são considerados pelo IPHAN como parte do conjunto arquitetônico e paisagístico da cidade.

De acordo com a tradição, foram construídos em 1702 pelo bandeirante João de Siqueira Afonso. Supõe-se que a capela seja do início do século XVIII. A parte arquitetônica e decorativa da capela é extremamente simples, sendo seu interior desprovido de altares. Na parte exterior, ao lado esquerdo, há um cruzeiro com a simbologia da paixão de Cristo.

O curioso qualitativo "do canjica" tem sua explicação no fato de que as pepitas de ouro encontradas próximas à capelinha eram grandes como grãos de milho triturados.

Hipóteses e Objetivos da Pesquisa

A cidade de Tiradentes ficou conhecida, sobretudo, a partir da década de 1990. Seu principal atrativo é constituído por um centro histórico muito bem conservado, localizado numa serra que valoriza, ainda mais, o conjunto arquitetônico. Até então, pequenas pousadas ofereciam

hospedagem para os turistas. Atualmente, os empresários do ramo hoteleiro profissionalizam e aprimoram ainda mais os serviços, alguns com padrão internacional, oferecendo aos turistas cerca de 110 pousadas. Devido à sua divulgação intensificada pela mídia nos últimos anos, atrativos exógenos foram criados, tais como a Mostra de Cinema, o Festival de Cultura e Gastronomia (evento internacional), o Encontro de Harley Davidson, eventos que passaram a compor o calendário de eventos de Tiradentes.

Os moradores de Tiradentes, nativos e imigrantes, pretendem desenvolver e diversificar as atividades oferecidas aos turistas, visando ampliar sua permanência no local. Assim, esse trabalho baseia-se nas seguintes hipóteses:

Com relação a Tiradentes, os turistas:

- procuram principalmente o centro histórico;
- desconhecem os atrativos naturais do município;
- provêm, principalmente, de Rio de Janeiro e São Paulo;
- não estão preocupados com a conservação do patrimônio natural;
- têm perfil de classe média, média alta.

Turismo e Problemas Decorrentes

A literatura mostra que o turismo se desenvolveu de uma forma bastante rápida nas últimas décadas, concomitantemente ao crescimento da adesão social à causa ambientalista. O crescimento turístico acarretou uma utilização intensa e excessiva dos recursos naturais, sem uma atenção especial com a preservação desses atrativos que formam o alicerce da atividade turística.

De acordo com DIAS (2003), a década de 1970 marca o início de um processo crescente de estudos a respeito dos impactos ambientais do turismo. É justamente nesse período que a atividade turística cresce em importância, sobretudo nos países desenvolvidos. Segundo o autor, em 1967, as Nações Unidas declararam esse como o Ano Internacional do Turismo. Em 1975 foi criada a Organização Mundial do Turismo, em Madri, com o objetivo de promover e desenvolver o turismo visando contribuir para o desenvolvimento econômico, a paz, a prosperidade, o respeito universal, a observância dos direitos humanos e das liberdades essenciais para todos, independentemente de raça, sexo, língua ou religião.

Percebe-se que, mesmo com a crescente conscientização ambiental nos países ricos, via marco legal do setor, os gestores públicos dos principais destinos turísticos emergentes não tiveram a capacidade de conhecer ou perceber a gravidade dos impactos ambientais que, então, se intensificavam pela exploração crescente da atividade turística em seus territórios. Nem mesmo uma ação de reação planejada foi observada naquela década, vindo somente efetivar-se em ações concretas e de sustentabilidade turística na década de 1990.

A OMT considera que a concepção do conceito de sustentabilidade turística se deu a partir de um longo processo que ocorreu nos anos 1980 a 1990, principalmente a partir da conferência mundial da ONU, no Rio de Janeiro, em 1992. Três pilares fundamentam esse conceito: 1) a sustentabilidade econômica que deve garantir eficiência da aplicação dos recursos e beneficiar a todos, inclusive às gerações futuras; 2) a sustentabilidade sócio-cultural que deve reduzir as

desigualdades, preservar o patrimônio cultural material e não material, manter os valores e a cultura local; 3) a sustentabilidade ambiental que deve garantir a manutenção dos subsistemas ecológicos principais compatibilizando o desenvolvimento da atividade turística com a preservação do meio ambiente. Em tese, esses três pilares proporcionam equilíbrio harmônico à atividade turística. Na prática, percebem-se efeitos positivos e negativos do turismo como opção de desenvolvimento. Na perspectiva ambiental, os efeitos positivos são a justificativa para conservar os recursos naturais e a contribuição efetiva para garantir um equilíbrio nos diversos ecossistemas. Dentre os negativos, citam-se a deterioração física do ambiente; o aumento da poluição de modo geral e da contaminação; os danos causados à paisagem com o desenvolvimento arquitetônico não integrado e o transtorno ao ciclo de vida natural (BIGNÉ, FONT e ANDREU, 2000).

Observa-se que a atividade turística pode impactar as comunidades e os patrimônios cultural e ambiental de diferentes formas e trazer, como conseqüências, tanto a degradação como a recuperação do patrimônio nas localidades turísticas, bem como gerar novas demandas e conflitos para a busca de uma gestão integrada, ambientalmente correta e socialmente responsável.

É interessante notar que, nos anos 1980, a crescente conscientização das sociedades com relação ao meio ambiente começa a influenciar sobremaneira o setor de turismo. A Declaração de Manila sobre o turismo mundial, de 1980, expressa essa idéia ao afirmar que:

Os recursos turísticos de que dispõem os países estão constituídos por sua vez por espaço, bens e valores. Trata-se de recursos cujo emprego não pode deixar-se a uma utilização descontrolada sem correr o risco de sua degradação, e mesmo de sua destruição. A satisfação das necessidades turísticas não deve constituir uma ameaça para os interesses sociais e econômicos das populações das regiões turísticas, para o meio ambiente, especialmente para os recursos naturais, atração essencial do turismo, nem para os lugares históricos e culturais. Todos os recursos turísticos pertencem ao patrimônio da humanidade. As comunidades nacionais e a comunidade internacional inteira devem desenvolver os esforços necessários para sua preservação. (OMT, 1980)

Vários estudiosos admitem que essa declaração trouxe uma efetiva contribuição ao turismo, pois marca o início de um importante movimento preservacionista que mais tarde ratificaria a importância e necessidade de se buscar o desenvolvimento sustentável nas dimensões social, cultural, econômica e ambiental.

Dias (2003) chama atenção para o fato importante de que essa declaração foi realizada antes da Comissão Brundtland, proposta pela ONU, que mais tarde seria a responsável por formalizar a proposta de desenvolvimento sustentável no relatório *Nosso Futuro Comum*, publicado em 1987.

Ainda na década de 1980, outras decisões de âmbito internacional têm lugar, entre as quais se destacam: a Declaração da OMT, a Carta do Turismo e o Código de Ética do Turista. A primeira contribui efetivamente para um aumento da tomada de consciência sobre os impactos negativos do desenvolvimento do turismo. Sobre essa declaração, Dias (2003) afirma que a satisfação das

exigências para o desenvolvimento do turismo não pode ser prejudicial aos interesses sociais e econômicos das populações, sobretudo do meio ambiente. Na segunda, os artigos que compõem o código de ética do turista manifestam a preocupação em estimular informações adequadas sobre o equilíbrio sistêmico dos diversos recursos naturais existentes e sobre o comportamento dos turistas que devem interagir e intervir para regular o processo entrópico, via compreensão e respeito dos costumes, crenças e comportamentos das populações visitadas e, de forma especial, zelar pelo patrimônio natural e cultural dessas comunidades.

Ressalta-se que as declarações acima referenciadas ocorreram antes da popularização do conceito de desenvolvimento sustentável e já continham seus princípios básicos.

Nesse sentido, no âmbito do turismo, a inter-relação da atividade turística com o meio ambiente enfatiza o paradigma da sustentabilidade. Na verdade, as inúmeras declarações e documentos ofereceram princípios que se uniram dentro de um conceito abrangente e sistêmico de sustentabilidade, contribuindo para a evolução do mercado turístico e respectivas políticas de desenvolvimento. Percebe-se que na relação turismo e patrimônio natural há uma absoluta necessidade de uma boa gestão ambiental que contemple, antes de tudo, um planejamento com monitoramento contínuo para avaliar a capacidade de carga dos principais atrativos.

É importante lembrar que há um crescente número de turistas que viaja por motivações preservacionistas em relação aos atrativos naturais, o que comprova os diversos efeitos positivos do turismo, como por exemplo: a consolidação da identidade de uma dada população, ou, pelo menos, a contribuição para isso; a conservação dos recursos naturais e culturais de modo geral; a geração de renda e empregos; a catalisação de outros setores econômicos e a melhoria do conhecimento da cultura local.

Na literatura observam-se vários exemplos das motivações dos turistas e pesquisadores acerca da conscientização ecológica. Um documento que chama atenção é o Protocolo de Madri, pois contribuiu para limitar ao máximo o impacto da presença humana e seus efeitos sobre o ambiente menos contaminado do planeta e desenvolver o senso de responsabilidade dos visitantes. Na essência, o documento regula sobre a Proteção do Meio Ambiente Antártico, incluindo nessa regulamentação, atividades de pesquisa e turismo na Antártida.

Em 1992, a conferência Rio-92 consagrou o conceito de desenvolvimento sustentável, ainda que nela a questão do turismo tenha sido pouco abordada. Os recursos naturais foram mencionados superficialmente em três capítulos (11, 13 e 14) do principal documento elaborado naquela conferência, a Agenda 21.

Nos últimos anos, vários estudos e contribuições deram continuidade a um esforço para desenvolver um plano de ação para o turismo, visando atingir a sustentabilidade das atividades turísticas, sendo que o principal documento foi a Agenda 21 para a Indústria de Viagens e Turismo publicada, em 1994, pela OMT. (Irving, 2002:22).

Tal documento trata das práticas sustentáveis, enfatiza a importância da cooperação entre os diversos atores sociais e estabelece áreas prioritárias de ação para os poderes públicos e empresas.

No entanto, acredita-se que para que essa cooperação possa se efetivar de fato, é necessário esforço integrado dos diversos atores do processo, sejam eles residentes, turistas, governantes, empresários, operadores, além da inestimável contribuição do terceiro setor que poderá sinalizar e executar projetos, seja com o meio empresarial, seja com os governos, via parcerias de caráter público não estatal.

Por exemplo, no capítulo 11, "Luta contra o desflorestamento", em "Bases para a ação", afirma-se que "é possível aumentar o valor das florestas mediante usos não prejudiciais, como o turismo ecológico". Nos objetivos que se propuseram alcançar encontra-se a promoção da utilização e contribuição econômica mais ampla das zonas florestais onde o turismo ecológico seja incorporado na organização e planejamento florestais. E, como uma das propostas para o incremento de atividades de gestão, sugere-se a promoção e o apoio à organização da flora e da fauna silvestres no sentido de aumentar a renda e o emprego e, ainda, obter benefícios econômicos e sociais sem causar danos ao meio ambiente.

De uma maneira direta ou indireta, as indicações contidas na Agenda 21, acima exposta; e as demais não transcritas neste artigo, foram superadas pelo desenvolvimento do turismo em muitas partes do mundo.

É absolutamente necessário buscar um processo de planejamento que estabeleça um desenvolvimento mais justo, mais equilibrado, isto é um planejamento voltado para a preservação ambiental, equitativo socialmente e economicamente viável.

Patrimônio Natural, Turismo e Impactos Ambientais

O termo "patrimônio" esteve inicialmente mais relacionado à herança familiar, à bens materiais. Rodrigues (2001:16) nos conta que, no século XVIII,

Quando na França, o poder público começou a tomar as primeiras medidas de proteção aos monumentos de valor para a história das nações, o sentido do termo "patrimônio" estendeu-se para os bens protegidos por lei e pela ação de órgãos especialmente constituídos, passando a nomear o conjunto de bens culturais de uma nação.

Num sentido mais abrangente, pode-se afirmar que o patrimônio representa "o conjunto de bens que uma pessoa ou entidade possuem" (BARRETO, 2000:9).

Segundo Vieira Filho (1999), o termo é frequentemente subdividido em patrimônio natural e cultural, em linha com a clássica divisão entre natureza e cultura que marca o pensamento ocidental.

Dessa forma, pode-se dizer que patrimônio natural é constituído pelas riquezas que se encontram no solo e no subsolo e por toda forma de natureza, muitas das quais, no setor de turismo, constituem os chamados atrativos naturais.

Considerando o patrimônio em seu aspecto natural, pode-se afirmar que este significa as formações físicas e geológicas excepcionais, habitats de espécies animais e vegetais e áreas que tenham valor científico e de conservação (VIEIRA FILHO, 1999).

Na prática, o patrimônio natural, não só brasileiro como o de todo o planeta, encontra-se cada dia mais ameaçado de destruição, tanto pela deterioração normal, conseqüente de fatores naturais, tais como enchentes, erosão, etc, como pelas mudanças provocadas pela ação do homem nas condições econômicas, sociais e ambientais, que acarretam vários tipos de problemas e formas de poluição que agravam a situação desse patrimônio. Um desses fatores de ameaça ao patrimônio seria exatamente o turismo. (BARRETO, 2000)

De acordo com Vieira Filho (1999), em um mesmo período histórico ou em momentos diferentes, o significado de patrimônio pode variar segundo as circunstâncias de indivíduos, organizações, instituições culturais e sociais.

Na busca de identidade, busca de pertencimento, indivíduos, grupos e comunidades podem omitir ou enfatizar certos aspectos do que julgam ser sua identidade perante o patrimônio deixado como legado pelas gerações anteriores. Geralmente, dependendo das circunstâncias e intenções do poder público, esse patrimônio pode reforçar o sentimento de compartilhamento de elementos culturais e ambientais que alimentam o sentido de grupo e a identidade coletiva (RODRIGUES, 2001).

Nessa linha, cita-se como exemplo a influência dos modernistas sobre uma Tiradentes economicamente explorada, decadente e adormecida nos idos de 1924. Foi a descoberta modernista, de um cenário antigo, colonial, que influenciou decisivamente a criação do SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que fez o tombamento de Tiradentes e de outras cidades históricas em 1938.

A literatura mostra que as identidades, portanto, são complexas e dinâmicas. Podem ser múltiplas, manipuladas, construídas e reconstruídas, de acordo com as perspectivas e intencionalidades envolvidas em cada contexto (VIEIRA FILHO, 1999).

Dessa forma, pode-se afirmar que, em consonância com os principais autores pesquisados, assim como a identidade e a memória, o patrimônio tem dimensão política e macroeconômica evidente.

Nesse contexto, os princípios emanados pela OMT nos indicam que, para o desenvolvimento do turismo não deteriorar o patrimônio natural, pilar da sua própria existência, ele deve ser administrado de forma eficiente e compatível com a escassez de recursos dos destinos turísticos. Para tanto, o planejamento do uso adequado dos recursos, bem como a medição precisa dos indicadores ambientais devem ser efetivamente utilizados para minimizar os impactos e maximizar os benefícios em âmbito local, sobretudo a preservação dos patrimônios histórico e natural e o bem estar da comunidade nativa.

O estudo dos impactos ambientais do turismo cresceu de forma significativa a partir da década de 1970, em função do turismo de massas e de outros inúmeros problemas causados pelo fluxo turístico crescente desde então. Há uma extensa e farta literatura abordando esses impactos, podendo-se citar, entre os mais recentes, Marinho e Bruhns (2003).

O estudo dos problemas ambientais provocados pelo turismo pode facilitar o planejamento da atividade turística, levando em conta as particularidades e cultura das regiões receptoras. De

acordo com Dias (2003), o turismo tem um potencial de criar efeitos benéficos no meio ambiente, contribuindo para sua proteção e sua conservação.

Nessa linha, o desenvolvimento do turismo adequadamente planejado pode ser uma excelente estratégia para aumentar a conscientização quanto aos valores ambientais; pode ser útil também para financiar e proteger as áreas de preservação, além de justificar sua importância macro-econômica. Sem dúvida, o planejamento deve promover o desenvolvimento sustentável nas regiões receptoras com a máxima eficiência, qualidade e efetividade visando, sobretudo à geração de benefícios sócio-econômico-ambientais para uma determinada comunidade.

Os principais impactos ambientais do turismo, segundo a literatura, são: (1) o uso exacerbado dos recursos naturais, em especial o alto consumo de água potável, madeiras e pedras; (2) o aumento da poluição com emissões gasosas, lixo, esgotos domésticos e industriais; (3) as poluições sonora e visual, entre outras; (4) a perda da biodiversidade com a extinção de animais e plantas; (5) os impactos físicos com a presença excessiva de turistas em trilhas, que provoca o pisoteio do solo e alterações nos ecossistemas; (6) as alterações nas paisagens e em conjuntos arquitetônicos, causados pelas construções feitas nas beiras de rios, lagos, entre outros; (7) o uso inadequado e insustentável da terra agricultável; (8) o desflorestamento; (9) o aumento do efeito estufa causado por gases que retêm o calor solar, agravado essencialmente pelo aumento do tráfego aéreo. Este último acarreta um crescente aumento da liberação de CO₂ na atmosfera em consequência da queima de combustível fóssil.

No âmbito global, os impactos ambientais de maior recorrência, na literatura, são as constantes mudanças climáticas, a diminuição da camada de ozônio, a difusão de epidemias e a perda da biodiversidade. Todos esses elementos impactam o turismo e, por ele, são impactados de forma sistêmica.

Um aspecto importante para minimizar os impactos nas áreas naturais é a criação de Áreas de Proteção Ambiental (APA's) que, geralmente, são inseridas numa estratégia regional de desenvolvimento turístico. Embora essa iniciativa seja importante, ela não garante por si só um equilíbrio na relação homem-natureza. Percebe-se que muitas APA's não são monitoradas por profissionais capacitados e devidamente tratadas pelos diversos atores sociais que as compõem. Há uma forte interferência humana em boa parte dessas áreas de proteção, causadas por graves questões econômico-sociais.

É notório que há uma crescente consciência ambientalista que influencia, cada vez mais, as motivações dos visitantes na escolha de seus destinos. Esse fato deve obrigar os governos locais a definir e manter uma qualidade ambiental ímpar para cativar os visitantes, além, é claro, de estabelecer e manter parcerias estratégicas com universidades, entidades do terceiro setor, empresas e comunidades adjacentes.

Análise dos Principais Atrativos Naturais em Tiradentes - MG

A seguir são apresentados os resultados e discussões realizadas a partir da coleta de dados realizada no município de Tiradentes - MG.

Caracterização dos turistas entrevistados

Todas as respostas dos sessenta e sete questionários foram registradas numa planilha Excel. Essa planilha contém todos os dados brutos e forma o arquivo de base. Com relação à procedência dos turistas (Tabela 1) verifica-se que 62,8% vêm de Minas Gerais, sendo a maioria deles procedente de Belo Horizonte. Todavia, a proporção de paulistas e cariocas (37,2%) não é desprezível, uma vez que a pesquisa foi feita num fim de semana sem evento especial.

TABELA 1. Procedência dos turistas pesquisados

Procedência	Nº de Turistas	100%
Até 50 Km	3	4,7
Belo Horizonte	29	43,3
Rio de Janeiro	18	26,8
Interior MG	10	14,8
São Paulo	7	10,4
Outros	0	0
Exterior	0	0

Fonte: Pesquisa dos autores

Foram entrevistados 28 homens e 39 mulheres. Tendo em vista o tamanho da amostra, não se pode inferir que haja uma maior presença de mulheres entre os turistas. Esse dado será cruzado com outras informações. Os dados relativos às fixas de idade estão na Tabela 2.

Essas respostas mostram que os turistas são jovens adultos (58,2%), maiores de 40 anos (34,3%).

As respostas relativas às faixas salariais constam da Tabela 3. Caracterizam-se os turistas como sendo de faixas de renda média a média alta. É relevante verificar que as pessoas que declararam ter renda de até três salários mínimos são procedentes de diversos lugares, independentemente da distância.

TABELA 2: Faixas de idade dos turistas pesquisados

Idade	Nº de Turistas	100%
Até 20 anos	5	7,5
Entre 20 e 40 anos	39	58,2
Acima de 40 anos	23	34,3

Fonte: Pesquisa dos autores

TABELA 3: Faixa de renda dos turistas pesquisados

Renda	Nº de Turistas	100%
Até 3 salários mínimos	17	10,4
Entre 4 e 10 salários mínimos	27	40,3
Acima de 10 salários mínimos	23	34,3

Fonte: Pesquisa dos autores

Apenas três pessoas declararam visitar parentes (1), estar a negócio (1) e "outro" (1), sem precisar (Tabela 4). Verifica-se que a maioria viaja com a família (69,1%) e (20,9%) viaja em grupo.

TABELA 4: Como viajam os turistas pesquisados

Modo de viagem	Nº de Turistas	100%
Em grupo	14	20,9
Em família	47	69,1
Sozinho	2	3,0
De outro modo	4	6,0

Fonte: Pesquisa dos autores

Análise da percepção dos turistas com relação aos atrativos selecionados

Cada entrevistado votou no atrativo de que mais gostou, o que resultou na classificação apresentada abaixo (Tabela 5). Uma vez que o Beco da Matriz constitui-se num atrativo que, também, envolve elementos naturais (o poço), verifica-se que os atrativos do meio ambiente natural mais distantes são pouco procurados. A análise detalhada das respostas pode trazer maiores informações.

TABELA 5: Classificação dos atrativos avaliados *

Atrativos avaliados	No de Turistas	%*
Beco da matriz	31	77,5
Bosque da Mãe d'Água	13	32,5
Trilhas da Serra de São José	10	25,0
Balneário Águas Santas	11	27,5
Cachoeira do Mangue	5	12,5
Poço do Canjica	4	10,0

Fonte: Pesquisa dos autores.

* O total para cada atrativo corresponde a 100%.

O Beco da Matriz

Esse atrativo foi incluído na pesquisa, apesar de ser um atrativo urbano. As respostas dos entrevistados a respeito do estado de conservação, das informações disponíveis e da classificação do passeio foram registradas na tabela 6.

TABELA 6: Avaliação do atrativo Beco da Matriz

Atrativo		Nº de Turistas	%
Beco da Matriz		31	100
Conservação	Muito bom	6	19,4
	Bom	18	58,0
	Regular	4	12,9
	Ruim	3	9,7
Informações disponíveis	Muito bom	1	3,2
	Bom	14	45,2
	Regular	10	32,3
	Ruim	6	19,3
Passeio	Muito bom	6	19,5
	Bom	21	67,5
	Regular	4	13
	Ruim	0	0

Fonte: Pesquisa dos autores

Os 31 turistas que conhecem o Beco da Matriz consideram o estado de conservação como "bom" e "muito bom". Qualificaram as informações disponíveis como "boas" e "regulares", se considerar que apenas 46% dos entrevistados conhecem o Beco, é relevante reconsiderar as informações divulgadas a respeito desse atrativo. A maioria o considera um passeio "bom" e "muito bom".

O Bosque da Mãe d'Água

Esse atrativo foi citado por 32,5% dos turistas, sendo o segundo mais conhecido entre os pesquisados. Isto pode ser pelo fato de o passeio acontecer dentro da cidade, pela facilidade de acesso e pela sua divulgação. O tempo requerido para fazer o passeio se encaixa facilmente numa manhã ou tarde (Tabela 7).

TABELA 7: Avaliação do atrativo Bosque da Mãe d'Água

Atrativo		Nº de Turistas	%
Bosque da Mãe d'Água		13	100
Conservação	Muito bom	4	30,8
	Bom	7	53,9
	Regular	2	15,3
	Ruim	0	0
Informações disponíveis	Muito bom	0	0
	Bom	1	7,7
	Regular	8	61,5
	Ruim	4	30,8
Passeio	Muito bom	6	46,1
	Bom	6	46,1
	Regular	1	7,8
	Ruim	0	0

Fonte: Pesquisa dos autores

O estado de conservação é considerado "bom" e "muito bom". Porém, as informações disponíveis são consideradas "regulares" e "ruins". O passeio foi considerado "bom" e "muito bom".

As Trilhas da Serra de São José

Como os dados ficaram muito escassos, a análise foi prejudicada. Fica, apenas, uma sinalização para os responsáveis municipais e operadores dos atrativos turísticos. O estado de conservação da Serra de São José foi considerado "bom" por oito dos dez turistas que a conhecem. As informações foram apontadas como sendo de "regulares" e "ruins", sendo o passeio qualificado como "muito bom" (8).

O Balneário Águas Santas

O Balneário das Águas Santas, conhecido por 11 dos turistas, teve seu estado de conservação avaliado como "bom" e "regular" (4 e 4), sendo as informações a seu respeito consideradas de "ruins" (5) e "regulares" (3). É considerado um passeio "muito bom" e "bom" (4 e 4).

A Cachoeira do Mangue

Cinco pessoas conhecem a Cachoeira do Mangue. Açam seu estado de conservação "bom", mas as informações foram consideradas "regulares". O passeio foi considerado "bom" (3) e "muito bom" (2). Os freqüentadores da Cachoeira são procedentes de diversos lugares.

O Poço do Canjica

Foram quatro os turistas que declararam conhecer o Poço do Canjica. Suas respostas divergiram muito para todas as perguntas, ficando impossível tirar alguma conclusão a respeito do atrativo.

Análise das respostas às questões qualitativas

A questão de número 13 visa ordenar os atrativos na preferência dos turistas entrevistados. As respostas revelam a fraca divulgação dos atrativos do meio ambiente natural, sobretudo os mais distantes do centro. Os atrativos mais votados foram: o Beco da Matriz (10) e outros (10), qualificados como igrejas, restaurantes, Maria Fumaça: todos são atrativos urbanos.

As trilhas na Serra São José foram o terceiro, com seis indicações, como atrativo preferido. Os demais ficaram com votação em três e abaixo de três. O Poço do Canjica recebeu nenhum voto.

Quando perguntados sobre a contribuição do patrimônio natural no interesse turístico por Tiradentes responderam que é "extremamente importante" (35) ou "importante" (23), o que representa 86,5% dos entrevistados. Verifica-se, então, uma incoerência entre os fatos e as opiniões. A falta de informações sobre esses atrativos não seria uma das causas de seu desconhecimento por parte dos turistas?

As ações sugeridas para conservar o patrimônio natural de Tiradentes foram no sentido de trabalhar a conscientização ambiental dos turistas e dos moradores (92,5%) e a melhoria da infra-estrutura (59,7%).

Em relação ao patrimônio natural, 58,2% dos turistas se consideram "muito conscientes" e 34,3% "conscientes" da necessidade de conservá-lo. Apenas uma pessoa se mostrou "indecisa", três confessaram ser "pouco conscientes", apenas um, se revelou "indiferente".

Sugestões dos turistas

A maioria das sugestões gira em torno da necessidade de obter mais informações (6 turistas). Muitos especificaram mais, lembrando que guias turísticos poderiam atendê-los para dar informações e ajudar na sua educação ambiental (5); solicitaram um local para obter informações, tal como um Centro de Informações Turísticas (7); sentem falta de folhetos explicativos sobre atrativos culturais e naturais, nos hotéis, pousadas e restaurantes (3); alguns especificaram a falta de mapa, ou planta da cidade, localizando os atrativos, para distribuição aos visitantes (3); acusaram a falta de placas indicativas permanentes, na cidade e nas vias de acesso (2). Treze turistas lembraram a necessidade de divulgar mais o município na mídia.

Essas sugestões corroboram a análise anterior: a maior crítica dos entrevistados foi a falta ou, quando existem, a má qualidade das informações sobre os atrativos.

Uma outra categoria de sugestões diz respeito ao ambiente em si. Foram lembradas ações práticas, tais como a colocação de mais latas de lixo, a revitalização dos córregos, o tratamento

dos esgotos, o uso de fraldas para os cavalos, nas charretes. Os entrevistados enfatizaram a premência de desenvolver ações de conscientização para a preservação e valorização do meio ambiente (8), focalizando as ações educativas (7).

Finalmente, apontaram possíveis atitudes por parte do poder público (9). Sugeriram o controle do número de turistas; a realização de mutirões e campanhas de conscientização sobre restauração e conservação junto às escolas e aos turistas; a fiscalização e monitoramento dos atrativos; a melhoria da infra-estrutura para que sejam mais visitados; a conservação e manutenção de todo o patrimônio; eventualmente, aplicação de multas; implantação de uma boa infra-estrutura para que "as pessoas cuidem mais do patrimônio natural" e "continuem preservando para não acabar".

Tratando-se de uma pesquisa preliminar, no município de Tiradentes, não é possível tirar conclusões, mas sim, apontar algumas direções no sentido de melhorar as atividades turísticas nesse município.

Os principais atrativos turísticos de Tiradentes hoje são, sem dúvida, os culturais, localizados no centro turístico. A pesquisa revelou que os atrativos naturais são pouco conhecidos e ainda menos divulgados. Precisam receber cuidados por parte do poder público no sentido de melhorar sua infra-estrutura e qualidade, assim como na divulgação das informações e sinalizações local e regional.

Verificou-se que a procedência dos turistas é essencialmente mineira, mas que a participação dos paulistas e cariocas é bastante relevante, considerando que a pesquisa foi realizada num final de semana sem programação especial. Uma pesquisa específica poderá avaliar o perfil dos visitantes ao longo do ano.

A hipótese, levantada no início do trabalho, de que os turistas não estão preocupados com a conservação dos acervos natural e histórico não se confirmou. Pelo contrário, mostraram-se bastante conscientes da qualidade ambiental do local e da necessidade de conhecer, cuidar e preservar, chegando a dar sugestões para subsidiar uma intervenção eficaz por parte dos responsáveis locais.

A hipótese segundo a qual os visitantes de Tiradentes pertencem em boa parte às faixas de renda média e média alta foi confirmada.

Embora implique certos aspectos de depredação nas comunidades receptoras, o turismo pode, conforme alguns estudiosos, também vir a resgatar e recuperar seu patrimônio natural, mediante o uso adequado, de forma recreacional e educativa.

Na literatura revista, alguns críticos, sobretudo ambientalistas, dizem ser contrários à transformação do patrimônio em atrativos naturais, sob o argumento de que o patrimônio passa a ser menos valorizado pelo seu significado na história ou na identidade local, adquirindo mais valor apenas porque pode ser vendido como atrativo turístico (Vieira Filho, 1999).

Do ponto de vista ambiental observa-se, através dos dados obtidos com os turistas, que Tiradentes passa, atualmente, por um momento delicado de sua preservação, devido ao

crescimento desordenado. Percebe-se nitidamente que a cidade não se preparou para os projetos de expansão urbana que trazem inúmeros impactos ambientais para toda a região. Há ainda projetos de loteamentos, condomínios e complexo turístico que poderão colocar em risco irreversível o patrimônio histórico e ambiental local.

Finalmente, sugere-se a criação de um Centro de Informações Turísticas em Tiradentes. Talvez, num primeiro momento, poderia ser sob a forma de uma tenda na qual seria apresentado um áudio-visual dos atrativos, focalizando noções de conservação, considerações sobre a valorização do patrimônio, atitudes desejáveis. O Centro poderia ser subvencionado pelos estabelecimentos comerciais locais e a Prefeitura e ser operado por estagiários de cursos de Turismo. Seriam distribuídos mapas e folhetos com informações sobre os atrativos naturais e culturais.

Referências bibliográficas

BARRETO, M. *Turismo e legado cultural*. Campinas: Papyrus, 2000.

BIGNÉ, J. E.; FONT, X.; ANDREU, L. *Marketing de destinos turísticos: análisis y estrategias de desarrollo*. Madri: Esic, 2000.

DIAS, Reinaldo. *Turismo sustentável e meio ambiente*. São Paulo: Atlas, 2003.

GUIA QUATRO RODAS. *Brasil 2003*. São Paulo: Abril, 2003.

IRVING, Marta. Participação: questão central na sustentabilidade de projetos de desenvolvimento. In: IRVING, Marta de A; AZEVEDO, Julia. *Turismo: o desafio da sustentabilidade*. São Paulo: Futura, 2002. p. 35-45.

MARINHO, Alcyone; BRUHNS, Heloísa Turini (Org.) *Turismo, lazer e natureza*. Barueri: Manole, 2003.

PELLEGRINI FILHO, Américo. *Turismo cultural em Tiradentes. Estudo de metodologia aplicada*. São Paulo: Manole, 2000.

RODRIGUES, M. Preservar e consumir – O patrimônio histórico e o turismo. In: FUNARI, P.P.; PINSKY, J. (Org.). *Turismo e patrimônio cultural*. São Paulo: Contexto, 2001.

SEABRA, Lília. Monitoramento participativo do turismo desejável. In: MARINHO, Alcyone; BRUHNS, Heloísa Turini (Org.) *Turismo, lazer e natureza*. Barueri: Manole, 2003.

VIEIRA FILHO, N. Patrimônio, turismo, sustentabilidade. *REUNA*, v. 7, n. 4(21 ???), p11-24, out-dez, 2002.

VIEIRA FILHO, N. A Q. *Tourism and Social Identity: An anthropological study in Lavras Novas, Ouro Preto, Brazil*. Manchester: The University of Manchester, (Ph.D thesis); 1999.